



3 1761 06679523 8

BRIEF

PCD

0003374



*Augusto Cesar de Sá*

*H. S. B. D. Y. 1 20*

---

# O PAVILHÃO NEGRO

A PORTUGAL E AOS PORTUGUEZES.

por

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS.



# O PAVILHÃO NEGRO

---

POR

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR

*Socio effectiva da Academia das Sciencias.*

A PORTUGAL E AOS PORTUGUEZES.



LISBOA. — TYPOGRAPHIA DO FUTURO  
RUA DA CRUZ DE PAU N.º 15.

1859

000-5374  
Digitized by the Internet Archive  
Part 2010 with funding from  
University of Toronto

Este poemeto, escripto ha bom numero de dias, tem sido demorado na sua publicação por circumstancias alheias á vontade do auctor.

E' como um desafogo da musa nacional. Não podia ficar em silencio a lyra diante do ultrage á patria. Se nas cordas que vibra estremece a indignação, quem ha de estranhar que uma grande violencia provoque o brado e a queixa dos opprimidos?

O auctor, em quem vive intenso e ardente o amor da sua terra, protestou já por todas as fórmas ao seu alcance contra o abuso da força que poz aos pés o direito.

Fel-o como publicista nas columnas dos jornaes. Fel-o como deputado na tribuna do parlamento.

N'uma e n'outra parte porém o sentimento da responsabilidade colectiva lhe prendia os vãos e lhe reprimia os impulsos.

Aqui é só e livre. Não compromette nenhuma conveniências, nem prejudica nenhuma camaradagem. O poeta responde por si a Deus e á sua consciencia.

Pois que nenhum outro se encarregou de pagar esta divida, onde tantos melhor o poderam fazer, agora a desempenha o auctor, esperando que lhe seja levada em conta para suprir a valia do canto a sinceridade do desejo.

A França e o seu governo resgataram já nobremente aos olhos da humanidade a protecção dada á denominada *colonisação*. O decreto que a revoga é o reconhecimento da nossa justiça.

Para honra do imperio, aos olhos do mundo, será tempo ainda. Para nós foi tarde, porque o acto de coacção estava consummado.

Portugal padeceu a affronta pela causa santa da liberdade e da humanidade. Os mesmos que lh'a imprimirara confessam nos concilios da Europa a sem-razão dos seus procedimentos.

Deve ser licito ao genio da patria exprobrar todos os vilipendios sem offender nenhuma gloria!

Março — 59.



Vãamente os olhos buscam aquella nobre,  
Aquella só real mostra em verdade,  
Que escuríssima nuvem nol-a encobre.  
SÁ DE MIRANDA. \*

I

Lá vem as naus da França! — Magestosa

Cada qual traz no tope a gloriosa

Bandeira das tres côres!

As mesmas sam, que outr'ora, entre os ardores

Da batalha que deu a gran-cidade,

Baiaram, augurando maravilhas,

Nas rendidas ameias das bastilhas

Como um fris no ceu da liberdade!

As mesmas sam que o mundo em alto brado

Saudou c'roando o ambito inflamado,

Em que um seculo novo

Dos povos desherdados fez um povo;

Quando, nos ais das convulsões supremas,

As indefezas turbas metralhadas,

Apertando as fileiras mutiladas,

Armas iam forjando das algemas!

As mesmas sam que os déspotas da terra  
Chamando a repto audaz diziam: «Guerra!

Surgi, nações escravas!»

E o espirito dos livres, como as lavas  
Em borbotões golphando das crateras,  
Irrompia, abrazava, e em toda a parte  
Apontava no intrépido estandarte  
O signal redemptor das novas éras !

Das portas de Parthénope ás de Roma,  
Mal dos Alpes aos pincaros assoma

O lábaro surgente,

Saccode a Italia os pulsos ; e fremente  
Solta um brado d'esforço temerario,  
Que vae estremecer na terra fria  
A geração robusta, que dormia  
Em torno ao velho tùmulo de Mario.

O mesmo pendão é que além dos mares,  
Meteóro fugaz, fulge nos ares

De Malta a Alexandria ;

A's pyramides galga ; e, apoz um dia,  
Dos Pharaós nos mausoleos abertos,  
Que por haste lhe dam quatro mil annos,  
Ao vasto Oriente acêna, e os seus tyrannos  
Desafia da órla dos desertos.

As mesmas cores sam, e sam amigas !

Se não bastassem relações antigas,

Disse-o voz que não mente;  
 Que não póde mentir; porque o potente  
 Se dissimula mais affronta o pejo.  
 Esse emblema que diz? Fraternidade.  
 E' da França, ha-de ser da humanidade.  
 Bem vindo pois. — Salvae, torres do Tejo!

## II

Salvae, torres, essa gloria  
 De tantas glorias herdeira!  
 Guarda a tricolor bandeira  
 Dos lyzes pura a memoria  
 Nos braços da mesma fama;  
 E os velhos falcoens do Gama  
 Podem, sem zellos, saudar,  
 Compassados trovejando,  
 O pavilhão venerando  
 De Duquêsne e de Jean Bart!

Salvae! — Tambem nós contámos  
 Nobres datas celebradas,  
 E ás nossas palmas passadas  
 Recentes louros junctámos.  
 Roto, mas não abatido,  
 Mostrar podemos erguido  
 O pendão, que ondea aos ceus  
 Estrellado da metralha...  
 E nos fustes da Batalha  
 De Talavera os tropheos!

O mesmo facho allumia  
Da chama da heroicidade  
Tanto a joven liberdade  
Como a velha monarchia.  
Aqui sam gémeas. Preclaros  
Dos laureis de Montes-Claros  
Brotam do Porto os laureis :  
Engastou a mão da historia  
As joias da nossa gloria  
Na cr'oa dos nossos reis.

O sangue ardente e guerreiro  
Não desdiz dos seus passados  
Nos impávidos soldados  
Do Bussaco e do Vimeiro !  
Salvae, torres ! E, se acaso  
No parapeito já raso  
O tempo os bronzes fundiu,  
Assestae em taes apuros  
No resto dos vossos muros  
As colubrinas de Diu.

Achal-as-hão enterradas  
N'algum recanto sombrio,  
Onde, co'o raio já frio,  
Jazem na inércia ignoradas.  
Nos rudes braços valentes  
Ham-de trazel-as contentes  
D'esses vãos dos arsenaes

Nossos bravos mareantes:  
Elles sabem como d'antes  
As manobravam seus paes !

Ao arrogante estampido  
Das possantes caronadas  
Pelas boccas inflammadas  
Responda o immortal ruido  
De tres seculos de gloria !  
Gravada tem a victoria  
Os decrépitos canhoens  
Que, ovantes de praia em praia,  
Renderam Goa e Cambaya...  
E a que deu fogo Camdens !

## III

Salva, Belem, sentinella  
Solitaria do Restello,  
Padrão glorioso e bello  
Da nossa idade mais bella.  
D'essas rendadas ameias  
Espreitas as vellas cheias  
Dos galeoens d'além mar?  
Não ; que o teu vulto guerreiro  
Ficou só. Mas o estrangeiro  
Ha-de inclinar-se ao passar !

Ergueu-te ahi, monumento,  
 O braço que o ignoto Oriente  
 Deu ao mundo de presente  
 Co'o sangue que é teu cimento.  
 Para que a data ficasse  
 Esculpiu-te sobre a face  
 O rijo ferro de Ormuz, —  
 Brasão que inda assombra as eras, —  
 As quinas sobre as esferas,  
 E por cima... só a cruz!

Antes que as armas perfilles  
 Ao Franko, diz que mysterio  
 Te abriu de Alexandre o imperio  
 Ganho co' as armas de Achilles;  
 Como viste ante as armadas  
 Cem nações ajoelhadas  
 Ao portuguez pavilhão,  
 Quando ia, as ondas fendendo,  
 Povos e mares varrendo  
 Do Zaire além de Ceylão.

Brada-lhe mais: «Vinte frotas  
 « Impelli com fim diverso  
 « Sobre os confins do Universo  
 « Traçando novas derrotas,  
 « Quando voltavam cad'anno  
 « Vinham dos feudos do oceano, —  
 « Mais ricos de cada vez, —

« Vergando os baixeis profundos;  
« E armas e dõns de dois mundos  
« Trazia o mar a meus pés.

« Os meus nautas, pondo os lares  
« No convez das caravellas,  
« Crusavam, rindo, as procellas  
« Quer dos homens, quer dos mares.  
« D'essa illustre e forte raça  
« Conto o destino a quem passa.  
« Vedeta de um povo rei,  
« Eu sou a torre princesa:  
« Excedi Tyro e Veneza,  
« Carthago e Roma egualei.

« Hoje, pálida memoria,  
« Com o gesto de um proscripto  
« Cinjo aos hombros de granito  
« O manto da minha gloria.  
« Resta-me só, é verdade,  
« Esta herança e a da saudade;  
« Mas, na fronte marcial,  
« D'outros tempos pregoeira,  
« Conservo a livre bandeira  
« Como uma flor virginal.

« Os fortes vès da cidade  
« Fendidos té às raizes?  
« Sam da guerra as cicatrizes,

- Não sanam as rugas da idade.
- Não os assusta a violencia :
- Pódem 'pela independencia
- Rebentar como um vulcão ;
- Pódem, bem que esmantellados,
- Desabar como animados
- Sobre o oppressor e a oppressão !

- E se algum extranho onsára
- Pôr a mão, — desventurado ! —
- N'esta do heroico legado
- Joia unica e mais rara,
- Veria abrirem-se, penso,
- Como as de um sepulchro immenso,
- Estas pedras; e depois
- Surgirem d'ellas, terriveis
- E como outr'ora invenciveis,
- As sombras dos meus heroes. »

Basta. Salva! Está na aurora....

Talvez... ess' astro esplendente:

O teu está no occidente.

Eia, salva! Seja embora

A tua salva um lamento,

Como os geme triste o vento

Com grave e sinistra voz

Ao passar pela armadura,

Onde como que murmura

A alma afflicta dos avós!

Salva pois. Teus artilheiros  
 Com fraternos alaridos,  
 Das canhoneiras pendidos,  
 Saúdem os marinheiros  
 Em voz alta e clamorosa.  
 Passa a França generosa,  
 Passa a França nossa irman!  
 Honra ao brilhante estandarte  
 De Condé ou Bonaparte,  
 De Rocroy ou Wagram!

## IV

Porém que vejo! Presumo  
 Que me illudiu a esperança.  
 Não sam as côres da França:  
 Negro é esse pavilhão!  
 Negro, — não negro do fumo  
 Que requeima o rosto aos bravos, —  
 Negro da côr dos escravos,  
 E da côr da escravidão!

Será sina tenebrosa  
 Que a águia, voando ferida  
 No pundonor ou na vida,  
 Venha cahir sempre aqui?  
 O negro, côr luctuosa,  
 É dos mortos attributo....  
 Pois se a França está de lucto,  
 Está de lucto por si!

Acaso a ameaça negreja  
Como a tempestade e a noite?  
Ha poder que inda se afoite  
Contra a razão, contra a lei?  
Haverá... Deus o proteja!  
Eslam co' o fraco a verdade,  
A justiça, a liberdade,  
Os seus fóros e o seu rei.

França, d'antes se querias,  
Da paz quebrando os enlaces,  
Atirar a luva ás faces  
Do fero leopardo inglez,  
Altiva as armas vestias,  
Empunhavas forte a espada,  
Não trajavas, demudada,  
Os signaes da viuvez.

Sem piedade te lançaram  
Esse crépe funerario  
Como um lúgubre sudario  
Sobre os inclitos braçoens.  
Das gallas te despojaram  
Da tua gloria! — O futuro  
Ha-de chorar que de escuro  
Marche a França entre as naçoens.

Ess' águia, tornada abutre,  
Para vergonhoso ensaio,

Traz na garra, em vez do raio,  
As gargalheiras servís.  
Anciando o espolio que a nutre  
Os ares tortuosa corta,  
Paira, e espreita a preza morta...  
Não é esta a d'Austerlitz.

Seguia aquella outro rumo  
Que hoje a vista mal alcança:  
Est'água não é da França  
Negro é este pavilhão.  
Negro, — não negro do fumo  
Que requeima o rosto aos bravos, —  
Negro da côr dos escravos,  
E da côr da escravidão!

## V

Cegou-te, ó musa, a luz do enthusiasmo  
Reflectindo-te um prisma enganador!  
O mundo sobreposta vê com pasmo  
A's côres triumphaes a triste côr!

Mas não baixes a fronte, consternada  
Por ter saudado esse pendão fatal,  
Por vêr nas mãos a lyra em vez da espada,  
A espada do teu nobre Portugal.

O estrangeiro levou-te um pouco de ouro,  
Premio heroico dos negros feitos seus,  
A ti ficou-te a honra: esse thesouro  
Basta á patria e á virtude... e conta-o Deus!

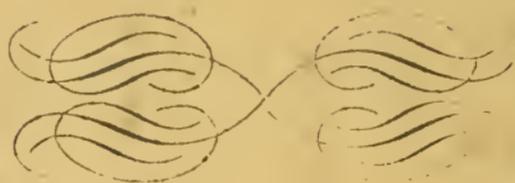
Musa, alegre-te, musa, qual me alegro.  
O braço ameaçador estende a mão!...  
Lá vae o negro preço, e o baixel negro,  
E sobre elles o negro pavilhão!

Janeiro—1859.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR







PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

01820610

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 09 07 04 08 019 7